



A Literatura como meio de expansão do conhecimento fenomênico

Literature as a means of expanding phenomenal knowledge

Marco Aurélio Sousa Alvesⁱ

Universidade Federal de São João del-Rei

João César Ramosⁱⁱ

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Como obtemos e compartilhamos conhecimento sobre o aspecto fenomênico e qualitativo de uma dada experiência? Discutimos essa questão e elaboramos alguns parâmetros fundamentais para a epistemologia do conhecimento fenomênico. O trabalho dialoga em boa parte com o modelo de Cath (2019) para categorização de conhecimento de experiências. Sugerimos que o conhecimento fenomênico segue uma estrutura gradualista e que é possível fazer progresso epistêmico e fenomênico em relação a uma dada experiência sem que a tenhamos por nós mesmos. Discutimos, ainda, o papel das artes, e mais especificamente da literatura, diante da perspectiva epistemológica defendida.

Palavras-chave: experiência; conhecimento fenomênico; consciência fenomênica; literatura; epistemologia.

Abstract: *How do we obtain and share knowledge about the phenomenal and qualitative aspects of a given experience? In this study, we discuss this issue and elaborate some fundamental parameters for the epistemology of phenomenal knowledge. The work dialogues with Cath's (2019) model for categorization of knowledge of experiences. We suggest that phenomenal knowledge follows a structure by degrees and that it is possible to make epistemic and phenomenal progress towards a given experience without having that experience for yourself. We also discuss the role of the arts, and more specifically of literature, in the face of the epistemology that we propose.*

Keywords: *experience; phenomenal knowledge; phenomenal consciousness; literature; epistemology.*

* * *

O conhecimento fenomênico, expressão que remete a Conee (1994), é o conhecimento de como é (*how it feels like to*) ter determinadas experiências conscientes, *i.e.* o conhecimento do aspecto qualitativo dessas experiências. Essa noção está associada ao conceito de consciência fenomênica, conceito que caracteriza o aspecto “interno” ou de primeira pessoa das experiências conscientes (CHALMERS, 1995, p. 10). O conhecimento fenomênico, enquanto um tipo epistêmico próprio, contrasta com outros tipos epistêmicos, como o conhecimento proposicional e o conhecimento prático.¹

Na elaboração daquilo que hoje conhecemos como Argumento do Conhecimento, Jackson (1982) desenvolve um experimento de pensamento que evidencia cruamente a centralidade do conhecimento fenomênico quando tentamos entender as propriedades das experiências conscientes. O autor pede que o leitor imagine uma personagem fictícia, Mary, uma cientista que passou toda sua vida e desenvolveu todos seus estudos em um quarto preto e branco, com acesso a uma televisão também em preto e branco. Durante seus estudos ela se especializa sobre a neurofisiologia da percepção de cores e adquire toda a informação disponível a respeito de algo como a percepção humana do vermelho de um tomate maduro ou do azul do céu:

Mary é uma cientista brilhante que, por uma razão qualquer, é forçada a investigar o mundo a partir de um quarto preto e branco através de um televisor preto e branco. Ela se especializa em neurofisiologia da visão e adquire, suponhamos, toda a informação física possível de ser obtida sobre o que acontece quando vemos tomates maduros, ou o céu, e usamos termos tais como ‘vermelho’, ‘azul’, e assim por diante. Ela descobre, por exemplo, precisamente quais combinações de comprimento de onda do céu estimulam a retina, e exatamente como produzem, via o sistema nervoso central, a contração das cordas vocais e expulsão de ar do pulmão que resultam no proferimento da sentença ‘O céu é azul’. (JACKSON, 1982, p.130 – tradução nossa)

Com seu exemplo construído, Jackson propõe a seguinte pergunta: quando Mary saísse de seu quarto preto e branco e finalmente visse cores, ela aprenderia algo novo sobre o mundo? Se sim, e se ela estivesse previamente munida de todas as informações físicas

¹ Para uma discussão mais detalhada sobre o conhecimento fenomênico diante de outros tipos epistêmicos, ver Farkas (2019).

relevantes, que tipo de conhecimento ela obteria?

A lição central que o Argumento do Conhecimento fornece para nosso presente propósito é que Mary antes da experiência de ver cores e Mary depois da experiência de ver cores diferem exatamente em seus conhecimentos fenomênicos. Quando Mary sai do quarto e vê uma maçã, ela adquire um conhecimento sobre a fenomenologia do vermelho que não possuía dentro do quarto.

O presente artigo tem como objetivo explorar algumas particularidades do conhecimento fenomênico. A primeira seção apresenta brevemente o modelo de Cath (2019) para categorização do conhecimento de experiências, modelo que fornecerá um arcabouço conceitual para o restante da discussão. A segunda seção discute a epistemologia do próprio conhecimento fenomênico e trata da relação específica das artes como meio epistêmico. A terceira seção utiliza o modelo de Cath para defender que o “padrão-prata” de conhecimento de experiências constitui um progresso epistêmico legítimo em relação à experiência que se almeja conhecer fenomenicamente. A quarta e última seção avalia o papel específico da literatura na epistemologia do conhecimento fenomênico.

1. Conhecimento *What it is like*

Cath (2019) observa que é usual, tanto em nichos técnicos, quanto fora deles, adotarmos diferentes e incompatíveis atitudes em relação à obtenção ou ao compartilhamento do conhecimento *what it is like* ou, de maneira abreviada, conhecimento-*WIL*. Uma atitude comumente adotada por filósofos, por exemplo, é bastante restritiva quanto à obtenção desse tipo de conhecimento, sendo pessimista quanto a seu compartilhamento, como podemos observar nas seguintes passagens:

Se você quer saber como uma experiência nova e diferente é, você pode obter tal conhecimento saindo e realmente tendo essa experiência. Você não pode aprender isso sendo informada sobre essa experiência, por mais completas que suas lições possam ser. (LEWIS, 1998, p.29 – tradução nossa)

O que aprendemos do caso de Mary é que histórias, testemunhos e teorias não são suficientes para nos ensinar como é ter tipos verdadeiramente novos de experiências – obtemos tal conhecimento quando de fato temos uma experiência desses tipos. (PAUL, 2014, p.13 – tradução nossa)

No entanto, parece razoável defender que, em algum sentido, é possível obter conhecimento-*WIL* através de informações, testemunhos ou de outros meios descritivos e indiretos. Tal intuição otimista pode ser fortalecida ao nos atentarmos aos inúmeros esforços que têm como objetivo obter ou disseminar conhecimento de como é passar por determinadas experiências. Um bom exemplo é o *best seller* “*What it is like to go to war*”, livro do veterano de guerra Karl Marlantes, em que o autor tenta compartilhar com seu leitor sobre as particularidades de ir à guerra. Em um modo otimista de pensar sobre o conhecimento-*WIL*, é possível fazer progresso em relação ao conhecimento de como é ir à guerra ao se ler um livro como o mencionado.

A partir disso, podemos sumarizar as ideias gerais das posições pessimista e otimista quanto ao compartilhamento de conhecimento-*WIL* da seguinte forma:

- **Posição pessimista:** Descrições não são meios suficientes para obtenção e compartilhamento de conhecimento-*WIL*. Ter a experiência relevante é condição necessária para obtenção de conhecimento-*WIL* sobre tal experiência.
- **Posição otimista:** Descrições são meios suficientes para obtenção e compartilhamento de conhecimento-*WIL*. Ter a experiência relevante não é condição necessária para obtenção de conhecimento-*WIL* sobre tal experiência.

Como apresentadas, essas duas posições são conflitantes. Aderir a uma ou outra parece ser uma questão de rigor quanto à epistemologia do “*what it is like*”. Filósofos, principalmente aqueles que seguem a tradição de Nagel (1974), talvez estejam mais propensos a fazer uma exigência fenomênica durante a atribuição de conhecimento-*WIL*, adotando, assim, tal como Lewis e Paul, a posição pessimista. Não-filósofos talvez estejam mais dispostos a atribuir conhecimento-*WIL* sem uma exigência de fenomênica, estando assim mais propensos a adotar a posição otimista. Para Cath (2019), tanto a posição pessimista quanto a otimista capturam aspectos legítimos do discurso *WIL*. Segundo o autor, é indesejável considerar como equivocadas todas as manifestações de discurso *WIL* que exemplificam a posição otimista, dada a recorrência dessas manifestações nas práticas humanas. Mas, ainda assim, a posição pessimista parece razoável, de modo que, em algum sentido, para *realmente* conhecer como é ter uma experiência, precisamos tê-la por nós mesmos.

Interessado em dissolver a tensão entre essas duas facetas inicialmente conflitantes do discurso *WIL*, Cath oferece um modelo para categorização do que ele chama de “conhecimento de experiências” (CdE, daqui em diante), sistematizando assim um tipo epistêmico que abarca ao mesmo tempo o cerne das posições pessimista e otimista. O modelo segue a seguinte organização de ranqueamento:

- **CdE padrão-ouro:** O conhecimento que *x* tem de *WIL* ter a experiência *y* se dá com base nas propriedades fenomênicas da experiência *y* que *x* teve.
- **CdE padrão-prata:** O conhecimento que *x* tem de *WIL* ter a experiência *y* se dá com base nas propriedades fenomênicas de experiências distintas, mas relativamente similares, de *y* que *x* teve.
- **CdE padrão-bronze:** O conhecimento que *x* tem de *WIL* ter a experiência *y* se dá de modo não-fenomênico.

Apesar de útil para conferir unidade às várias formas distintas de discurso *WIL*, tal modelo tem suas limitações. É possível identificar (pelo menos) dois tipos distintos de conhecimento operando dentro desse modelo: enquanto o CdE padrão-bronze diz respeito a um conhecimento descritivo ou proposicional, os CdE padrão-prata e padrão-ouro dizem respeito a um conhecimento fenomênico. Quando o próprio conhecimento fenomênico é aquilo que almejamos compreender, algo a mais precisa ser dito.

2. Arte e expansão do conhecimento fenomênico

Falta-nos ainda explorar as particularidades do conhecimento fenomênico enquanto um tipo epistêmico próprio. Para que um agente epistêmico faça progresso de modo fenomênico em relação ao conhecimento de uma dada experiência, é necessário recorrer a meios propriamente fenomênicos. Uma promissora candidata teórica para atuar como meio para o conhecimento fenomênico é a noção de **familiaridade** (*acquaintance*), noção utilizada em discussões filosóficas por Russell (1912), que a opõe à noção de conhecimento por descrição. Raleigh (2019) oferece uma definição mais atualizada para a noção de “familiaridade”, definição que, de acordo com ele, é geral o suficiente para que seja aceita por teóricos que se apropriam de formas distintas do termo:

A familiaridade é uma relação mental consciente que um sujeito supostamente pode ter com itens ou aspectos (*features*) e que é, de alguma maneira, fundamentalmente diferente de pensar um pensamento verdadeiro a respeito do item ou aspecto em questão. Em vez de empregar conceitos para formar um estado mental que é (meramente) sobre algo, quando estamos em familiaridade (*acquainted*) com algo devemos, em algum sentido, estar diante dessa coisa em si mesma. (RALEIGH, 2019, p.1-2 – tradução nossa)

Com o auxílio dessa noção, a primeira e óbvia resposta para a pergunta de como podemos obter conhecimento fenomênico de uma dada experiência é buscarmos nós mesmos termos familiaridade com a experiência almejada, como as passagens de Lewis e Paul citadas há pouco sugerem. Em uma perspectiva assim, o conhecimento por familiaridade se apresenta como um meio epistêmico adequado para o conhecimento epistêmico, que é o fim epistêmico almejado. Para usarmos o conhecimento por familiaridade como instrumento da epistemologia da consciência, precisamos operar em seus moldes. Se quiséssemos que uma pessoa que nunca viu a cor vermelha descobrisse como é o aspecto qualitativo de ver o vermelho, precisaríamos que ela de fato passasse por uma experiência de enxergar ou de processar os estímulos envolvidos em enxergar essa cor. Quando expressada dessa maneira, tal afirmação chega a parecer um truísmo. Mas a literatura da filosofia da mente mostra que não é, principalmente quando o dogma da soberania do conhecimento descritivo está constantemente presente. De toda maneira, se quiséssemos que uma pessoa, Mary, conhecesse o aspecto qualitativo de ver o vermelho, poderíamos tirá-la de seu quarto e fazê-la de fato ver objetos vermelhos, como no experimento de pensamento de Jackson. Se obtivéssemos as condições luminosas ideais dentro do quarto, ainda lá poderíamos levar a Mary uma maçã ou outro objeto vermelho, ou então poderíamos fornecer a ela um monitor com cores, e então exibir objetos vermelhos. Tais procedimentos dariam a Mary conhecimento por familiaridade e a fariam conhecer o aspecto qualitativo de enxergar essa cor, algo que nenhuma quantidade de conhecimento descritivo, por si só, poderia realizar.

Evidentemente, podemos aplicar esse princípio também para outras modalidades sensoriais. Podemos dizer o mesmo sobre o conhecimento do aspecto qualitativo de comer peixe, de ouvir a nota Fá, de mergulhar na água ou sobre o conhecimento do aspecto qualitativo de sentir o cheiro de cebola. De maneira menos evidente, podemos aplicar esse mesmo princípio ao aspecto qualitativo de todas as outras experiências conscientes, como

experiências emocionais, experiências proprioceptivas, experiências de sensações corporais, experiências humorais e assim por diante. E podemos aplicá-lo não apenas para elementos fragmentados de uma experiência, mas também para experiências completas, com seus arranjos complexos de diferentes elementos fragmentados.

Foi dito que se quiséssemos que Mary descobrisse como é o aspecto qualitativo de ver o vermelho, seria necessário que ela de fato tivesse uma experiência visual dessa cor. Podemos imaginar um outro personagem para qual o conhecimento relevante não mais é o de conhecer o aspecto qualitativo de ver vermelho, mas o conhecimento do aspecto qualitativo de sentir tristeza. Chamemos o personagem fictício de nosso experimento de pensamento de Félix. Félix tem um vasto conhecimento sobre a neurofisiologia funcional da tristeza. Ele sabe que a tristeza está associada a estruturas subcorticais antigas, mais especificamente ao cinza periaquedutal e ao cíngulo anterior subgenuar, e que este está envolvido em tratamentos de transtornos de tristeza, além de saber que tal sentimento está associado a uma redução da ativação cortical. Idealmente, Félix possui todo o conhecimento descritivo disponível a uma neurociência da tristeza completamente desenvolvida. No entanto, ele não conhece tudo o que pode ser conhecido a respeito da tristeza: Félix nunca experienciou, por ele mesmo, tal emoção. Sendo assim, nosso personagem não possui conhecimento por familiaridade sobre a tristeza e carece de conhecimento sobre o aspecto qualitativo da experiência dessa emoção, da mesma forma como Mary carecia de conhecimento sobre o aspecto qualitativo da experiência de ver o vermelho.

Alguém pode se incomodar com uma analogia tão apressada entre experiências perceptivas e experiências emocionais. A ciência da percepção é atualmente uma área muito mais unificada e de solo muito mais consolidado do que a ciência da emoção. Esta última ainda enfrenta problemas fundamentais, não havendo sequer consenso sobre o que são as emoções, algo que é ilustrado pelo debate entre a teoria das emoções básicas e o construcionismo psicológico (PANKSEPP, 1998; BARRETT, 2013, 2017). Felizmente, o princípio proposto é suficientemente flexível para se adaptar à teoria das emoções que prevalecer, como veremos a seguir.

Dissemos que se quiséssemos que Mary conhecesse o aspecto qualitativo de ver o vermelho, poderíamos tirá-la do quarto e fazê-la de fato ver objetos vermelhos. Fazer o mesmo procedimento para Félix seria mais complicado. Afinal, não encontramos um “objeto de tristeza” com a mesma facilidade com a qual encontramos um objeto vermelho, e não é

nem mesmo claro o que pode contar como um “objeto de tristeza”.

Acreditamos que a arte é um bom instrumento epistemológico para obtenção e disseminação do conhecimento sobre o aspecto fenomênico das experiências emocionais, e também de vários outros tipos de experiências. Bons caminhos para tentar desenvolver o conhecimento de Félix sobre o aspecto fenomênico da tristeza poderiam ser apresentar a ele a filmografia de Andrei Tarkovsky, a discografia de Elliott Smith ou qualquer obra que seja reconhecida pela comunidade epistêmica relevante, com alguma consensualidade, como dotada de boa capacidade de promover a tristeza.

Esse método, quando aplicado de tal maneira, passa indiretamente por discussões sobre o que é a arte, sobre os melhores critérios para definir quais são os elementos característicos de determinada obra de arte, e por outras discussões estéticas. Não compete a nós entrar aqui nos méritos de tais discussões. Aqui nos basta entender o método geral e abstrato e suas implicações diretas para a epistemologia da consciência. O importante para o método defendido é o meio experiencial utilizado poder funcionar como meio epistemológico para o conhecimento fenomênico da experiência relevante, mesmo que de forma aproximada, para o sujeito ou os sujeitos em questão. Em outras palavras, o importante para esse método é que o meio experiencial possa ocupar o papel epistêmico do conhecimento por familiaridade.

Tomamos como exemplo a experiência emocional da tristeza, mas poderíamos analisar outros tipos de experiências, *e.g.* experiências de sensações corporais, tal como a coceira, de experiências humorais, como a calma, de experiências perceptivas, como a experiência de cores, ou de experiências emocionais assumidamente mais complexas do que a tristeza, como o luto (DE WAAL, 2019). Nem em todos esses casos obteríamos sucesso ao tentar usar as belas artes (e seus descendentes) como meio epistemológico para promoção do conhecimento fenomênico. É tarefa de uma epistemologia da consciência fenomênica delimitar bons meios de conhecimento por familiaridade para as experiências sobre as quais se almeja obter conhecimento fenomênico, uma tarefa bastante interdisciplinar e complexa.

Uma dificuldade do uso da arte como meio epistemológico para promoção do conhecimento fenomênico é que ela pode transfigurar o aspecto qualitativo da experiência relevante. Sachs et al. (2015) mostram, por exemplo, que a experiência de ouvir músicas tristes é comumente descrita como agradável, principalmente quando percebida em contextos amigáveis e relatada como esteticamente bela. Evidências desse tipo são às vezes

utilizadas como motivação para o argumento de que a música (e outras artes) não é capaz de gerar tristeza real (KIVY, 1991). Na direção oposta, Levinson (1990) argumenta que músicas tristes induzem, de fato, tristeza genuína, mas que essa resposta é inerentemente recompensadora. Segundo ele, há diferentes benefícios envolvidos na experiência de tristeza gerada pela música (e também por outras artes). Ele lista os seguintes benefícios: **catarse**, a purificação de emoções negativas; **apreensão expressiva**, uma melhor compreensão das emoções expressas em uma obra de arte; o **saboreio do sentimento**, a satisfação que surge de simplesmente sentir qualquer emoção em resposta à arte; **compreensão sentimental**, a oportunidade de aprender sobre os próprios sentimentos; **firmeza emocional**, a confirmação da capacidade de sentir profundamente; **resolução emocional**, o conhecimento de que um estado de emoção foi e pode ser regulado; **potência expressiva**, o prazer que surge da expressão dos próprios sentimentos; e **comunhão emocional**, uma conexão com os sentimentos do compositor ou de outros ouvintes (LEVINSON, 1990; SACHS et al., 2015).

O caso da tristeza como resposta à arte foi especialmente escolhido em detrimento da controvérsia gerada pelo embate de posições divergentes a respeito de seu estatuto. Tal controvérsia não impõe grandes problemas ao método que propomos. Pelo contrário, ela apenas evidencia que há muito espaço para o desenvolvimento de sua aplicação.

3. Conhecimento fenomênico e o modelo de Cath

O empreendimento de ter a própria experiência almejada, que proporciona o padrão-ouro de Cath, no entanto, nem sempre é possível, prático ou desejável. Quais são as alternativas, então? Um primeiro passo promissor parece ser pensar a epistemologia do conhecimento fenomênico a partir de uma estrutura gradativa. Com o auxílio do esquema de Cath, podemos pensar em CdE padrão-prata mais próximo ou mais distante do padrão-ouro de acordo com as similaridades fenomênicas das experiências comparadas. Considere, por exemplo, a experiência de ouvir a mesma música em diferentes tons em relação à experiência de ouvir uma outra música ou, ainda, em relação a uma experiência radicalmente diferente, como a experiência de nadar ou de tomar café.

Quando pensamos em termos gradualistas, percebemos que o conhecimento fenomênico se dá sempre em relação a uma **experiência alvo**. No caso de Mary, o alvo é a experiência de ver vermelho. A fixação de uma experiência alvo sempre se dá de maneira

arbitrária, definida por um agente ou comunidade epistêmica. O alvo pode ser mais ou menos geral, e ter condições de suficiência e necessidade mais ou menos rigorosas, e.g. a experiência de caminhar pelo parque municipal de Belo Horizonte versus a experiência de caminhar pelo parque municipal de Belo Horizonte em uma tarde fria e chuvosa. Tendo fixado a experiência alvo, podemos pensar em meios para a obtenção e disseminação do conhecimento fenomênico a seu respeito.

Digamos que nossa experiência alvo é a experiência de escalar o Monte Everest. Podemos alcançar o padrão-ouro em relação a nosso alvo ao de fato viajar para a Cordilheira do Himalaia e subir a montanha.² Mas talvez tal empreendimento não esteja a nosso alcance. Talvez tenhamos limitações financeiras ou de mobilidade. Se não pudermos obter um conhecimento padrão-ouro em relação à experiência alvo, podemos recorrer a experiências padrão-prata para progredir epistemicamente em relação ao nosso alvo. Podemos, por exemplo, assistir a um registro em vídeo da escalada do monte. Tal atividade, de acordo com o panorama que estamos defendendo, ofereceria um progresso epistêmico em relação à experiência alvo. Se combinarmos tal experiência com registros em áudio, simulações de condições climáticas e com aproximações de outros elementos presentes na experiência relevante, faremos um progresso epistêmico ainda maior.

Algo similar pode ser dito do experimento de pensamento de Mary. O alvo de Mary é a experiência de ver vermelho. De dentro do quarto, no artigo original de Jackson, o padrão-ouro para o conhecimento dessa experiência encontra-se inacessível para a personagem. Ainda assim, é plausível pensar que algum conhecimento padrão-prata está acessível. Mary tem acesso a experiências visuais de branco, preto e suas combinações, bem como a experiências visuais de variação de brilho, por exemplo. Tais experiências, defendemos, constituem avanço epistêmico em relação à experiência alvo, que neste caso é a experiência de ver vermelho.

4. Literatura

As considerações aqui expostas sugerem que o conhecimento por descrição não é, por

² É claro que tal afirmação é simplificada e ignora algumas complicações. Uma pessoa em coma, por exemplo, não obteria o conhecimento relevante ao subir o Monte Everest. Uma pessoa desatenta durante a subida - alguém que leia um livro ou jogue um videogame portátil, por exemplo - talvez também não cumpriria condições básicas para obtenção desse conhecimento. É útil aqui, no entanto, evitar tais complicações.

si só, um meio epistêmico legítimo para o conhecimento fenomênico. Ainda assim, o conhecimento por descrição pode servir como mediador para o aprimoramento do conhecimento fenomênico. Considere o seguinte: uma usual e popular forma de descrever o gosto de carne de jacaré é dizer que ela tem um gosto semelhante a uma combinação dos gostos de carne de peixe e carne de frango. Se damos essa descrição para alguém, não esperamos que nossa interlocutora magicamente descubra o gosto de carne de jacaré a partir de nossa comunicação. Isto é, não esperamos que nossa interlocutora obtenha um conhecimento padrão-ouro em relação à experiência alvo. Mas esperamos dar uma informação aproximada sobre o gosto dessa carne. Almejamos que ela se antecipe em relação à experiência qualitativa que descrevemos, de modo que faça progresso epistêmico em relação à experiência alvo. Nossa descrição seria minimamente informativa na medida em que nossa interlocutora esperaria que a carne de jacaré tivesse um gosto mais similar ao gosto de carne de peixe e carne de frango do que ao gosto de chocolate, por exemplo. Se déssemos essa descrição e a carne de jacaré acabasse tendo um gosto semelhante ao gosto de chocolate, e nada semelhante ao gosto das outras carnes, nossa interlocutora ficaria surpresa e muito provavelmente julgaria que demos uma péssima descrição do gosto da carne de jacaré. No entanto, para que comecemos a fazer esse tipo de descrição, precisamos que nossa interlocutora tenha conhecimento por familiaridade do aspecto qualitativo de comer carne de peixe e de frango, de modo a obter um conhecimento padrão-prata de algum nível em relação à experiência alvo. Se ela não tem tal conhecimento, precisamos procurar uma outra forma de descrição que permita que ela faça associação da experiência que tentamos descrever com experiências que ela conhece por familiaridade. Se um interlocutor hipotético não tivesse nenhum conhecimento por familiaridade, e se tivesse apenas conhecimento por descrição, seria impossível que ele fizesse qualquer tipo de associação qualitativa a partir de nossa descrição. Esse seria o caso de um zumbi filosófico, um ser inteligente, mas desprovido da capacidade de ter experiências conscientes.

Chamaremos o método de expandir conhecimento fenomênico exemplificado através do caso da carne de jacaré de método descritivo-associativo. Esse método utiliza conhecimento proposicional ou descritivo – conhecimento que, no esquema de Cath, confere apenas CdE padrão-bronze – como meio para associação de conhecimento fenomênico prévio, para que se alcance um CdE padrão-prata em relação a uma experiência alvo. Tal método se distingue do exemplo do vídeo da subida ao Monte Everest, já que naquele,

discutido na seção anterior, o progresso epistêmico em relação à experiência alvo se dá diretamente a partir de novos elementos fenomênicos. No método descritivo-associativo, no entanto, o progresso se dá a partir de elementos fenomênicos prévios, de modo mnemônico.

A literatura, tema central deste dossiê, é um caso excelso de uso do método descritivo-associativo para expansão do conhecimento fenomênico. Quando lemos um romance, por exemplo, precisamos usar nosso conhecimento fenomênico prévio para fazer progresso epistêmico em relação aos cenários, emoções, experiências sensoriais, etc. ali apresentados. Se isso estiver correto, uma das virtudes da literatura frente à epistemologia do conhecimento fenomênico é a capacidade de atuar similarmente à descrição do gosto da carne de jacaré, mas de maneira rica, iterada e sistemática.

Tendo em vista a abordagem epistêmica do conhecimento fenomênico que foi proposta, vislumbramos que uma análise formal de textos literários poderia, inclusive, destacar e sistematizar os recursos utilizados para a criação e expansão de espaços fenomênicos. Toda evocação de experiências qualitativas pode desempenhar o papel relevante, servindo não só para dar à experiência de ler um texto o seu caráter propriamente sensível, mas também para expandir o conhecimento fenomênico do leitor. Não ousaremos propor aqui, no entanto, nem mesmo os rudimentos de uma análise formal dessa natureza. Pretendemos apenas apontar para tal possibilidade e encorajar avanços nessa direção.

Conclusão

Defendemos ao longo do artigo que a epistemologia do conhecimento fenomênico apresenta uma estrutura gradualista, a partir da qual é possível fazer progresso epistêmico em relação a uma experiência alvo a partir de conhecimento de experiências relativamente similares. Com esse princípio epistêmico em mãos, sugerimos algumas aplicações. Defendemos que as artes são legítimos meios para disseminação de conhecimento fenomênico, principalmente quanto ao conhecimento de experiências emocionais. Defendemos também que a literatura, especificamente, é um meio promissor para se usar o método descritivo-associativo para expansão do conhecimento fenomênico.

Referências

CATH, Yuri. Knowing What It Is Like and Testimony. **Australasian Journal of Philosophy**, v. 97, n.1, p. 105-120, 2019.

BARRETT, Lisa Feldman. Psychological Construction: The Darwinian Approach to The Science of Emotion. **Emotion Review**, v. 5, p. 379-389, outubro 2013.

BARRETT, Lisa Feldman. The Theory of Constructed Emotion: An Active Inference Account of Interoception and Categorization. **Social Cognitive and Affective Neuroscience**, v. 12, p. 1-23, janeiro 2017.

CHALMERS, David Jonh. **The Conscious Mind**: In Search of a Theory of Conscious Experience. Santa Cruz: Department of Philosophy, University of California, 1995.

CONNEE, Earl. Phenomenal Knowledge. **Australasian Journal of Philosophy**, v. 72, n. 2, p. 136-150, 1994.

DE WAAL, Frans. **Mama's Last Hug**: Animal Emotions and What They Tell Us About Ourselves. W. W. Norton & Company, 2019.

FARKAS, Katalin. Objectual Knowledge. In: KNOWLES, J.; RALEIGH, T. (Org.). **Acquaintance**: New Essays. New York: Oxford University Press, 2019.

JACKSON, Frank. Epiphenomenal Qualia. **The Philosophical Quarterly**, v. 32, n. 127, p. 127-136, abril 1982.

KIVY, Peter. **Music Alone**: Philosophical Reflections on The Purely Musical Experience. Cornell University Press, 1991.

KNOWLES, Jonathan.; RALEIGH, Thomas. **Acquaintance**: New Essays. New York: Oxford University Press, 2019.

LEVINSON, Jerrold. **Music, Art and Metaphysics**: Essays in Philosophical Aesthetics. New York: Oxford University Press, 1990.

LEWIS, David. What Experience Teaches. In: LYCAN, W. G. (Org.). **Mind and Cognition**: An Anthology. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1998, p. 447-460.

NAGEL, Thomas. What Is It Like to Be a Bat? **The Philosophical Review**, v. 83, n. 4, p. 435-450, outubro 1974.

PANKSEPP, Jaak. **Affective Neuroscience**: The Foundations of Human and Animal Emotions. New York: Oxford University Press, 1998.

PAUL, Laurie. **Transformative Experience**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

RALEIGH, Thomas. Introduction: The Recent Renaissance of Acquaintance. *In*: KNOWLES, J.; RALEIGH, T. (Org.). **Acquaintance**: New Essays. New York: Oxford University Press, 2019.

RUSSELL, Bertrand. Knowledge by Acquaintance and Knowledge by Description. *In*: RUSSELL, Bertrand. **Mysticism and Logic**. Totowa, NJ: Barnes & Noble Books, 1951.

SACHS, Mateus; DAMASIO, Antonio.; HABIBI, Assal. The Pleasures of Sad Music: A Systematic Review. **Frontiers In Human Neuroscience**, vol. 9, art. 404, 2015.

ⁱ Prof. Dr.; Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Departamento de Filosofia e Métodos (DFIME); Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL-UFSJ); Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia (POSDEFIL-UFOP); Agência de fomento: CNPq; E-mail: marcoaurelioalves@ufs.edu.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2296-2644>.

ⁱⁱ Doutorando. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Programa de Pós-Graduação em Filosofia; Linha de Lógica, Ciência, Mente e Linguagem; Agência de fomento: CAPES; E-mail: jcramosf@outlook.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8644-6705>.

Recebido em 02/12/2022
Avaliado em 15/12/2022



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)